

## CAPÍTULO 2 – Monteiro Lobato e Silveira Bueno, os tradutores de Henry Ford

Taís Diniz Martins

*Fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente essa rede cultural complexa e desconcertante na qual, a cada época, ou em espaços diferentes, ela se encontra presa, e fazer do saber histórico assim obtido uma abertura do nosso presente.*

Antoine Berman

**A**s discussões sobre a obra e as atividades de Monteiro Lobato têm, cada vez mais, ultrapassado o âmbito das análises literárias e acadêmicas, ocupando e abrindo espaços importantes de diálogos na esfera sociocultural. Este fato reforça a relevância do seu legado, cujo teor segue tendo importância para a cultura brasileira de uma forma ampla. Os aspectos presentes na obra de Lobato, apesar da atemporalidade que possuem, preservam o caráter representativo da época de sua produção, fato que nos permite retratar um recorte da nossa história e aproximá-lo das discussões sociais contemporâneas.

E, se por um lado há consenso sobre a qualidade, a originalidade e o pioneirismo do patrimônio lobatino, por outro o autor, o editor e tradutor taubateano tornou-se alvo de discussões, acusações e julgamentos baseados em informações difusas e pouco aprofundadas sobre sua produção literária autoral adulta e infantil. No entanto, talvez uma das polêmicas mais antigas que encontramos em relação às atividades de Lobato seja acerca de sua produção tradutória.

Monteiro Lobato, apesar de ter protagonizado papel fundamental no desenvolvimento e consolidação das atividades tradutórias no Brasil – seja atuando como editor de obras traduzidas, seja traduzindo – ainda hoje tem questionada a autoria de algumas de suas traduções. Os argumentos que suscitam tais dúvidas seguem os mesmos no decorrer de décadas: a rapidez com que as executava, a quantidade de obras traduzidas e o número de “erros” encontrados nos textos. Agenor Soares de Moura, crítico literário contemporâneo a Lobato, mantinha uma coluna dominical no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, sobre os erros nas traduções. Em uma de suas crônicas compiladas no livro *À margem das traduções*, afirma:

Não se nos estranhe o fato de trazermos frequentemente à balha o nome de Monteiro Lobato. Se o seu nome ilustre aparece aqui muitas vezes, **é por ser dos mais ativos tradutores** (MOURA: 2003, p. 32, grifo nosso).

Além de Monteiro Lobato, nomes como Érico Veríssimo, Edgard Cavalheiro, Francisca Cordeiro, Azevedo Amaral, Lúcio Cardoso e Godofredo Rangel, todos tradutores e escritores ativos da época, também figuram nas críticas de Moura. Apesar dos erros apontados serem coerentes, percebemos que o autor utiliza frequentemente os termos “fiel” e “infiel” como parâmetro para suas análises, o que fomenta discussões que não abordaremos no presente capítulo. No entanto, é pertinente deixar o registro da opinião de Moura sobre uma das traduções de Lobato. O crítico diz ter a impressão de que na tradução de *O homem invisível*, de H. G. Wells, Lobato lia um capítulo, apanhava o conteúdo e imediatamente

exprimiam com maior ou menor exatidão o assunto, descuidando-se da organicidade, do conjunto da obra<sup>2</sup>.

Para pensarmos as questões de velocidade e alta produção podemos, inicialmente, considerar as observações de Arthur Neves publicadas em edição especial de *Fundamentos*, na ocasião do falecimento de Lobato. Neves, que descreve a trajetória de vida de Lobato, relata que durante os anos da ditadura, o autor passaria a dividir seu tempo entre a literatura infantil e a tradução de obras estrangeiras, salientando que esta se tornara sua única fonte de renda:

O escritor, que até então pouca importância costumava dar ao rendimento financeiro de seu trabalho intelectual, entusiasma-se ao verificar que pode viver exclusivamente dele. Trabalha intensamente, e quando anos mais tarde, diante de sua espantosa produção, alguns corvejadores de escândalo lançam dúvidas sobre a autenticidade da autoria de suas traduções, ele responde risonho: «Posso ensinar o meu método a esses moços. A questão toda é ir para a máquina de escrever logo que chega o leiteiro e não parar até a hora do almoço. Eles que experimentem...» Lobato orgulhava-se da sua enorme capacidade de trabalho e todas as manhãs costumava marcar antecipadamente a tarefa que desejava cumprir: «Hoje hei-de traduzir trinta páginas do «Kim», só para castigar o corpo...» e não parava antes de terminar o trabalho. Mesmo na época em que andou muito doente, com a capacidade respiratória diminuída e presa de terríveis acessos de tosse provados por um cisto pulmonar, o velho escritor nunca deixou de «castigar o corpo» para cumprir a sua tarefa diária (NEVES, 1948, p. 280).

José Antonio Sabio Pinilla, no artigo “A metodologia em História da Tradução: Estado da questão”, discute a importância dos estudos da história da tradução, propondo uma reflexão abrangente e apontando uma proposta sobre os passos a seguir em toda pesquisa histórica, já que estes estudos, segundo o autor, estão presentes em diversas áreas do conhecimento. No que se aplica aos estudos tradutórios, indo ao encontro dos objetivos do estudo que apresentaremos, Pinilla faz a seguinte observação:

A história serve também para reabilitar a memória dos tradutores e das tradutoras. Uma das funções da história é resgatar do esquecimento as vozes dos autênticos protagonistas, sujeitos históricos da tradução, muitas vezes anônimos. Os futuros tradutores necessitam conhecer seus predecessores: a história estabelece esse diálogo e ajuda os tradutores de hoje a situarem-se em uma tradição de 2000 anos. Porém, é válido prevenir-se contra alguns perigos nessa relação constante entre o passado e o presente, como, por exemplo, que o pesquisador foque exclusivamente nos grandes tradutores ou avalie os conceitos históricos com os mesmos valores da ciência contemporânea (PINILLA, 2017, p. 231-232).

Consideramos que, em decorrência dos motivos citados, é necessária a análise constante e criteriosa da produção tradutória de Monteiro Lobato, visando trazer esclarecimentos para as questões que permeiam suas atividades. Tais análises contribuem não somente para os estudos lobatinos, mas também para a construção da arqueologia e da história da tradução no Brasil, campo em contínuo desenvolvimento.

Judith Woodsworth, em seu artigo “History of Translation”, pondera sobre os caminhos que os estudos da história da tradução podem tomar, delegando igual importância à história da prática e à história da teoria tradutória:

---

<sup>2</sup> Para mais detalhes sobre os métodos tradutórios de Lobato, ver MILTON, 2019.

A história da tradução pode focar na prática ou na teoria ou em ambas. A história das práticas da tradução lida com questões como o que foi traduzido, por quem, em quais circunstâncias e em qual contexto social ou político. A história da teoria, ou do discurso na tradução, trata das seguintes questões: o que os tradutores tiveram para dizer sobre a arte/artesanato/ciência; como a tradução foi avaliada em diferentes períodos; que tipos de recomendações têm feito os tradutores ou como a tradução tem sido ensinada; e como esse discurso é relacionado com outros discursos do mesmo período. Ou tanto a teoria quanto a prática podem ser investigadas ao mesmo tempo: como pode ser determinada a veracidade ou a relevância do texto na tradução? Qual é a relação entre prática e reflexão na tradução? (WOODSWORTH apud PINILLA: 2017, p. 236).

Pretendemos, com este estudo, fornecer subsídios para novas leituras críticas acerca da obra tradutória de Monteiro Lobato, dirimindo imprecisões ainda existentes. Buscamos também possibilitar observações sobre a forma com que as relações entre tradutores, e entre tradutores e editores, se estabeleciam à época. Nesse sentido, ressaltamos mais uma vez a singularidade dos estudos lobatinos, considerando a condição de Lobato na historiografia da tradução brasileira, pois desempenha tanto o papel de editor quanto o de autor e tradutor, sendo em muitos momentos um “editor de si mesmo”. Tanto na Editora Monteiro Lobato quanto na Companhia Editora Nacional, as decisões sobre **quais** obras seriam traduzidas, **quando** e **quem** seriam os tradutores, passavam pelo seu crivo; além da revisão dos manuscritos de outros tradutores, conforme podemos observar neste trecho de uma carta a Godofredo Rangel:

Ando a fiscalizar as traduções para o Otale, e bom dinheiro perde ele com essa fiscalização! Mas faça-lhe justiça: perde-o com prazer. Prefere perder dinheiro a enfiar no público uma tradução que eu condene. Que outro editor faz isto? Já perdeu mais de vinte contos este ano [...] Eu às vezes até me revolto de dar à bola em **certos trechos de difícil tradução**, ao lembrar-me do que é a média do público. **Mas sou visceralmente honesto na minha literatura**. Duvide quem quiser dessa honestidade. Eu não duvido. Nem você. (LOBATO, 1950, v. 2, p. 328, grifos nossos)

Giovana Cordeiro Campos e Maria Clara Castellões de Oliveira, em seu artigo “O pensamento e a prática de Monteiro Lobato como tradutor”, corroboram essa ideia quando afirmam que:

Embora a credibilidade de Lobato como autor tenha sido altamente relevante para sua atividade tradutória, o fator mais significativo para que pudesse realizar seu modo de traduzir reside no fato de que, de uma forma ou de outra, ele sempre foi o seu próprio patrocinador, configurando, nos termos de André Lefevre (1992), um caso de patronagem não-diferenciada. Isso significa dizer que ele atuava de acordo com preceitos ideológicos pessoais, funcionando como seu próprio editor e valendo-se de seu status como escritor para referendar o exercício da tradução. (CAMPOS; OLIVEIRA, 2009, p. 77-79)

Campos e Oliveira ressaltam ainda que, à época de Lobato, era comum que o nome do tradutor não constasse nas capas das obras traduzidas, e que muitos escritores de renome não se dedicavam à tradução por considerá-la uma atividade menor ou, quando faziam, ocultavam-se sob pseudônimo. As autoras afirmam que, contrariando a prática de seu tempo, Lobato fez imprimir seu nome e dos tradutores da sua editora na folha de rosto e até mesmo na capa das obras traduzidas, conferindo visibilidade a essa atividade e a seus realizadores.

## Uma pequena grande revolução

“Ele – Você que tem prática de livros conte-me como é que fêz para publicar o seu “Nós”.

“Eu – Prática de livros? Imagine! Publiquei um folheto...”

“Ele – É que eu tenho aqui uns contos e queria saber o que é preciso fazer para pôr isso nas livrarias.

“Eu – Eu não tive editor. Editei eu mesmo. Foi na Seção de Obras do “Estado”. Contratei. Mandeí o Correia Dias fazer os desenhos, e o Heitor Schultz encarregou-se do resto.

“Ele – É quantos exemplares tirou?”

“Eu – Mil.

“Ele – Mil! Isso é loucura! Não penso fazer mais que trezentos...”

“Eu – Mas em matéria de edição de livros, pelo que tenho ouvido dizer, a unidade é mil...”

“Ele – Qual! Só trezentos para os amigos e cem para bichar nas prateleiras dos livreiros...” (CAVALHEIRO, 1955, p. 190).

O diálogo acima seria normal e corriqueiro se não fosse o caráter inusitado da identidade das personagens. Em 1917, Monteiro Lobato, segundo relata Edgard Cavalheiro em *Monteiro Lobato: Vida e obra*, teria tido este diálogo com Guilherme de Almeida, que narrou o pitoresco registro. “Ele”, Lobato, pede ao amigo poeta que lhe esclareça como funcionam os trâmites de publicação de livros. Logo “Ele”, que no ano seguinte seria o proprietário da *Revista do Brasil*, dando os primeiros passos para tornar-se o grande editor de livros de sua época. A promotória e a vida enfadonha nas cidades mortas estavam cada vez mais distantes de sua realidade; os cafezais e a vida na fazenda também. Lobato agora, com o capital da venda da fazenda Buquira, iniciaria uma vida de sucessivos empreendimentos. Em 1918, aos 36 anos, já contava com a experiência de publicar seus artigos e traduções de artigos estrangeiros nos principais jornais da época. Publicaria seu primeiro livro no mesmo ano, sob o pseudônimo de “Demonólogo amador”, o volume *O saci-pererê: Resultado de um inquérito*, um conjunto de 74 textos que Lobato coletara no ano anterior em um projeto que empreendera em uma pesquisa feita com os leitores do *Estadinho*, sobre esta figura do folclore brasileiro. Estreia simultaneamente, portanto, como escritor e editor, já que além de escrever, encomendou, selecionou e reescreveu textos alheios. Enfeixaria ainda, em *Urupês*, considerada a sua primeira publicação autoral, uma coletânea de artigos publicados n’*O Estado de S. Paulo*, sendo recebido pelo público com estrondoso sucesso. Lobato, que no ano anterior intencionara imprimir trezentos exemplares, considerando a tiragem de mil uma loucura, surpreender-se-ia ao ver esgotado o primeiro milheiro de *Urupês* em apenas um mês. Para fechar sua produção do ano de 1918, Lobato editaria *Problema vital*, uma coletânea de artigos publicados em *O Estado de S. Paulo* sobre os problemas de saneamento no Brasil.

Cilza C. Bignotto, no quarto capítulo de seu livro *Figuras de autor, figuras de editor*, situa o marco inicial da carreira de Lobato como editor:

As atividades editoriais de Monteiro Lobato começaram a ser realizadas de modo profissional quando ele adquiriu a *Revista do Brasil*, em 1918. Embora ele tenha editado e publicado periódicos e um livro em anos anteriores, é possível afirmar que sua carreira de editor começou oficialmente na sala de redação da revista, localizada no prédio onde funcionava *O Estado de S. Paulo*, no centro da capital paulista (BIGNOTTO, 2018, p. 235).

Com o sucesso comercial e a saúde financeira da *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato empreendeu novos desafios, sempre visando a expansão dos negócios. Em 1919, associou-se a Olegário Ribeiro para formar a “Olegário Ribeiro, Lobato e Cia.”, editora que seria dissolvida em poucos meses. Em 1920 nasceria a “Monteiro Lobato & Cia.”, em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, que no decorrer de quatro anos se tornaria a “Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato”. Compreender o relativamente curto, porém intenso, ciclo de vida da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, e o consequente nascimento da Companhia Editora Nacional, é de vital importância para a análise do período em que as obras de Henry Ford foram traduzidas no Brasil, já que houve duas traduções publicadas de sua biografia no intervalo de um ano – ou em período inferior – conforme iremos averiguar.

O novo empreendimento de Lobato chegaria ao mercado editorial brasileiro com inovações no design das capas, tamanho e formato personalizados, introduzindo uma nova forma de fazer livros. Investimentos massivos em papel e equipamentos para o aparelhamento da gráfica também foram feitos. Outra aposta do editor foi a variedade de temas e títulos em seu catálogo: além de obras literárias e livros didáticos, continha também livros técnicos na área da contabilidade, medicina, veterinária, gastronomia, direito, ciências sociais, física, engenharia, psiquismo e ocultismo, entre outros. O número de autores editados por Lobato é grande<sup>3</sup>, e segundo Edgard Cavalheiro rapidamente o editor dominaria o mercado brasileiro. A estratégia de apostar no lançamento de novos autores também foi uma inovação do Lobato-editor. Fernando Jorge, na biografia de Paulo Setúbal, cita um comentário de Lobato: “Creio que a nossa firma soltou toda a produção literária do Brasil que estiver encaalhada, ou se conservara inédita durante muito tempo” (JORGE, 2018). Desde a *Revista do Brasil* lançara novos escritores, como Léo Vaz, autor de *O professor Jeremias*. Segundo Regiane Magalhães Boainain, o mesmo Léo Vaz que à época trabalhava com Lobato na *Revista do Brasil*, deu o seguinte depoimento:

Certo dia, ao entrar na Revista, atirou para cima da minha mesa um maço de manuscritos e disse: – Quer ler um livro engraçadíssimo, leia isso que o Moacir me trouxe outro dia. Quanta coisa excelente não haverá por esse Brasil afora, de que os nossos editores não têm, nem procuram ter a mínima ideia. Vou editar isso imediatamente! (VAZ apud BOAINAIN, 2008, p. 13).

O maço em questão era um manuscrito de Hilário Tácito, o autor de *Madame Pommery*, o qual também seria lançado por Lobato assim como os também inéditos Paulo Setúbal, Francisca Cordeiro, Godofredo Rangel, Ricardo Gonçalves, José Antônio Nogueira, Valdomiro Silveira, Armando Caiubi, Oliveira Viana, Gustavo Barroso, Cornélio Pires e Silveira Bueno, entre outros.

A dimensão do empreendimento e de seus resultados foi tamanha que Lobato foi comparado a Henry Ford. Sua admiração pelo empresário norte-americano era notória, tendo ele se tornado inclusive um agente propagador dos ideais fordistas. A imprensa brasileira estampava nos jornais tanto críticas positivas quanto negativas a respeito de Ford, e frequentemente o nome de Monteiro Lobato era associado a ambas. Euclides de Oliveira, em artigo para a *Folha da Manhã*, em julho de 1925, faz uma apreciação sobre o despreparo e a desonestidade

<sup>3</sup> O levantamento feito por Edgard Cavalheiro encontra-se em CAVALHEIRO, 1955, v. 1, p. 248-250.

dos políticos da época, apontando o nome de Monteiro Lobato como uma opção a ser considerada no pleito seguinte:

Devemos, por isso, tirar do seio das massas um homem disposto a trabalhar, alheio à politicalha que tudo corrompe, que tudo conspurca. Lembremos um nome: – Monteiro Lobato, e classifiquemol-o o Henry Ford brasileiro. Não cabe em poucas linhas justificar a nossa attitude em lembrando o nome desprezioso de Monteiro Lobato. Lobato é industrial, inteligente, operoso; administrador competente que, montando uma indústria a princípio acanhada, conseguiu com o seu trabalho inteligente fazer della, no curto decurso de três para quatro anos uma das maiores no seu gênero em todo o Brasil. [...] Monteiro Lobato, sem côr politica, poderá muito bem governar a nossa cidade, porque constitue tambem, como bacharel, que é, uma excepção à regra (OLIVEIRA, 1925).

Ao mesmo tempo encontramos comentários ferrenhos em relação ao fordismo e à adesão de Lobato a estes ideais. O jornalista Josias Leão, em seu artigo “Basbaques do fordismo”, faz duras críticas ao escritor taubateano:

Ao Sr. Monteiro Lobato, romancista, publicista e pae de Jeca Tatu, cabe, inquestionavelmente, a regência do “jazz-band” atirado na praça publica para tocar em homenagem às virtudes do Fordismo. Aos olhos desprevenidos do autor de “Urupês”, as inovações de Henry Ford tem alguma coisa de estupendo, de grandioso. E é tal o fetichismo, a seducção que exerce sobre o espirito do Sr. Monteiro Lobato o trabalho e a obra do creso norte-americano, que impressiona mal aos admiradores da intelligencia do escritor brasileiro a sua attitude de basbaque – boca aberta diante do “sky-scrap” do Fordismo (LEÃO, 1926).

O modelo industrial de Henry Ford já estava instaurado no espírito de Lobato, que tinha nas ideias fordistas o exemplo máximo de eficiência e produtividade. Sua crença no método Ford era tão grande que ofertou a todos os seus funcionários um exemplar da biografia editada por ele<sup>4</sup>. Tamanho investimento em tecnologia traria êxito, mas também um alto custo para a empresa que contraíra muitas dívidas. O misto da euforia com os negócios em ascensão e o receio em ter assumido tantos compromissos financeiros está presente em uma das cartas de Lobato a Godofredo Rangel. Na missiva do dia 7 de maio de 1924, podemos perceber tanto o seu contentamento quanto o seu receio:

Estamos em pleno *fervet opus* de reinstalação no novo prédio da rua Brigadeiro Machado, no Braz. Cinco mil metros quadrados de área coberta, tudo cheio de máquinas; entre elas, novidades: os primeiros monotipos entrados em S. Paulo. O linotipo compõe linhas inteiras; o monotipo funde tipo por tipo. Maravilha. [...] E as vezes me dá um medo. E se o arranha-ceu desaba? Nós, que lá na rua Boa Vista não víavamos um vintém, agora devemos milhares de contos. Há lá um mundo de linotipos e prelos e o diabo que adquirimos a prazo. O predio é uma beleza – é um monstro. Adquirido tambem – e a pagar-se em prestações mensais de contos e contos (LOBATO, 1950, v. 2, p. 264).

Meses após o envio dessa carta, o “arranha-céu desabaria”. A Revolução de 24 irromperia no estado de São Paulo no dia 5 de julho de 1924, provocando mudanças drásticas. Carlo Romani, no artigo “A revolta de 1924 em São Paulo: Uma história mal contada”, relata:

---

<sup>4</sup> Nota publicada como O EXEMPLO de Henry Ford. *Correio Paulistano*, São Paulo, 7 jun. 1925.

A Revolução paulista iniciada em 5 de julho de 1924, episódio que causou profundos estragos principalmente nos bairros operários da zona leste, nunca recebeu a devida importância. Foram dias de forte tensão, com a ocupação da cidade pelas tropas rebeldes até sua retirada em 28 de julho. A reação armada das tropas federais legalistas para retomar São Paulo provocou, segundo as agências internacionais, por volta de mil mortos, além de 4.000 feridos, quase todos civis. Tratou-se, talvez, do maior massacre urbano realizado durante os governos republicanos e praticado no maior centro industrial brasileiro (ROMANI, s. d., p. 1).

O impacto que a revolução teria na vida da população paulistana em geral seria imenso, mas para as atividades industriais e comerciais seria desastroso, principalmente associado a outros fatores inesperados que se desenrolariam. Lobato, que não estava na cidade de São Paulo quando o conflito armado teve início, fez um relato ao seu amigo e correspondente contando que as oficinas não haviam sofrido grandes estragos, apenas “duas granadas legalistas e umas duzentas balas de carabina” atingiram as instalações; prevendo de forma otimista que, após a normalização da situação, retomariam o trabalho. Porém, com o passar dos meses, a situação não melhoraria; à lenta recuperação da cidade pelos estragos causados pela revolução, juntaram-se uma crise de energia elétrica em decorrência de uma seca inesperada no estado, ocasionando a crise da água da Cantareira. A essa altura, Lobato já encarava a situação como uma calamidade:

Nada sei de como desfechará o nosso caso. A situação piora. A Light, que prometera reestabelecer a força esse mês, avisa hoje que fará nova redução na energia fornecida. Só podemos trabalhar agora 2 dias por semana! E como a horrenda seca que determinou essa calamidade continua, é voz geral que teremos completa supressão de força em novembro. O desastre que isto representa para S. Paulo é imenso; e como se juntou à crise de energia elétrica a crise de água da Cantareira e a crise bancária, o mal é enorme. Até o recurso de montarmos um motor Diesel falhou; depois de assentado, faltou-nos água para o resfriamento... Verdadeira calamidade, Rangel (LOBATO, 1950, p. 277).

Impossibilitada de operar por forças externas, a Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato passou por um processo de desestruturação completa. Impedido de trabalhar e com muitas dívidas na praça as alternativas eram poucas, e a solução encontrada, com muito pesar, foi o pedido de falência da empresa, decretada no dia 7 de agosto de 1925<sup>5</sup>. Segundo Milton (2019, p. 15), Lobato, sem condições de pagar suas dívidas, teve todos os seus bens leiloados, tendo vendido inclusive a *Revista do Brasil* para Assis Chateaubriand. Dessa forma ocorreu o desaparecimento da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato que, ao contrário de alguns comentários da época – que diziam que o motivo da falência era a imprudência e a imperícia de Lobato com os negócios – teve como motivo uma sucessão de fatos totalmente fora do controle, não apenas de Lobato, mas de toda a população.

A esperada recuperação financeira e retomada das atividades não viria das oficinas da então extinta Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, mas sim através da Companhia Editora Nacional, a nova empresa gestada por Lobato e seu sócio, Octalles Marcondes Ferreira, durante os trâmites do processo de falência de sua predecessora. Os bastidores da criação ocorreram discretamente. Ao mesmo tempo que corria o processo de extinção da empresa anterior, Lobato já vislumbrava um

---

<sup>5</sup> Conforme a *Folha da Manhã* de 24 jul. 1925.

futuro promissor. Ele parece confidenciar isso a Godofredo Rangel, mesmo que veladamente, em sua correspondência datada de 10 de julho de 1925:

A crise da energia elétrica da Light vai dar-nos um tombo – mas ha de ser tombo passageiro. Breve estaremos novamente de pé. As feridas cicatrizarão e em um ou dois anos ninguém falará mais no caso. E a tempestade hoje; será o azul amanhã. Aviso-te porque és amigo; e antes o saibas por mim do que de boca alheia. [...] A vitória é matemática. Perdemos uma batalha, mas no fim ganharemos a guerra – como os ingleses (LOBATO, 1950, p. 278).

Nas cartas que se sucedem, na sequência compilada em *A barca de Gleyre*, encontramos Lobato falando abertamente sobre a criação da nova companhia, explicitando ao amigo os termos em que tudo seria feito. Lobato informa os detalhes de sua mudança para o Rio de Janeiro, anunciando na carta de 8 de novembro de 1925 que a nova companhia estava fundada, com todas as “rodas girando” e que o primeiro livro lançado seria o “seu” *Hans Staden*.

### **Lobato, o Ford brasileiro & Silveira Bueno, o sóbrio conservador**

*A Silveira Bueno, poeta um tanto fúnebre e crítico zangadinho, dedica Monteiro Lobato.*

Folha de rosto de *Mr. Slang e o Brasil*

O interesse de Monteiro Lobato pelos ideais fordistas é anterior ao convite que receberia para atuar como adido comercial nos Estados Unidos da América, no final de 1927. Edgard Cavalheiro relata que Lobato “descobriu” Ford quando os negócios da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato cresciam exponencialmente e, com o crescimento, uma nova gama de problemas para resolver também se apresentaria. Salientamos esse fato devido a afirmações, correntes à época, de que Lobato só teria se interessado por Henry Ford para obter vantagens e favores na ocasião de sua partida para os EUA. Ao contrário disso, Lobato teria visto no método Ford uma solução objetiva e prática para a resolução das novas questões que surgiam, tendo propagado entre seus funcionários uma circular<sup>6</sup> estabelecendo os objetivos da empresa, empregadores e empregados, além de ter ofertado um exemplar da tradução editada a cada um de seus funcionários, conforme mencionado. Cavalheiro registra também que, na ocasião da descoberta de Ford, Lobato “traduz e edita” (CAVALHEIRO, 1955, v. 1, p. 255) a biografia do empresário norte-americano: *Minha vida e minha obra* (*My life and work*, 1922).

O editor Monteiro Lobato foi aquele que primeiro publicou no Brasil a biografia de Henry Ford em língua portuguesa, lançada em 1925, obra traduzida por Francisco da Silveira Bueno. Chama a atenção que, no ano seguinte, uma nova edição da mesma obra é colocada no mercado, sob novo selo editorial – também de propriedade de Monteiro Lobato, mas nesta figura o nome de outro tradutor: Monteiro Lobato.

Até o momento, parece prematuro dar um veredito acerca das semelhanças ou discrepâncias entre duas traduções da mesma obra, lançadas em tão curto espaço de tempo, ambas por meio de editoras pertencentes a Monteiro Lobato. Ocorre que, após o segundo lançamento, Silveira Bueno parece iniciar uma batalha contra Lobato, difamando seu trabalho, emitindo críticas negativas aos seus livros e lançando uma campanha nacional contra os “desprezadores” e “depressores”

<sup>6</sup> “Apelo aos nossos operários” em *Mundo da Lua e Miscelanea*, 1955, p. 285.



do Brasil, cujo chefe seria, na sua opinião, Monteiro Lobato<sup>7</sup>. É possivelmente o episódio mais polêmico nas traduções de Lobato, talvez tenha sido a única discutida publicamente através dos jornais, ainda que de forma velada por terceiros. Ao passo que avançarmos nas questões propostas, perceberemos que o motivo de tanta ferocidade por parte de Bueno talvez esteja associado justamente a essas traduções. As avaliações literárias de Silveira Bueno na imprensa, sobre escritos de Monteiro Lobato, a partir desse momento, parecem demonstrar algum rancor, eventualmente relativo à exclusão – justa ou não, deve-se averiguar – de seu nome como o (primeiro) tradutor de *Minha vida e minha obra*, entre outras questões que serão desenvolvidas oportunamente, em outro momento, em artigo atualmente em desenvolvimento.

Os registros jornalísticos da época são de suma importância para que possamos traçar a cronologia dos acontecimentos que se desenrolaram nesse período. Eles nos permitem situar com maior precisão a ordem em que os fatos ocorreram. Porém, é necessário que tais registros sejam analisados de forma crítica levando em consideração e principalmente questionando quem eram os autores e a serviço do **que** e de **quem** estavam. Artigos de jornais e revistas podiam e podem ser tendenciosos, expressando o ponto de vista de um sujeito ou de um grupo de pessoas. Esta análise se utiliza de tais recursos, com a intenção de trazer os fatos da forma como foram apresentados à época, buscando também demonstrar o contraste de opiniões acerca de Monteiro Lobato e suas atividades, e principalmente com o objetivo de sincronizar as datas que guiam o percurso das traduções em questão.

Francisco da Silveira Bueno nasceu em 20 de agosto de 1898, em Jarinu-SP. Desde tenra idade já demonstrava interesse por livros em geral e literatura. De acordo com informações disponibilizadas pela Coordenadoria de Produção e Análise da Informação, uma órgão público da prefeitura de São Paulo, Silveira Bueno teria iniciado seus estudos no Seminário Menor de Pirapora, passando, em seguida, para o Seminário Provincial de São Paulo, então Faculdade de Filosofia e Teologia, agregada à Universidade Gregoriana de Roma. Defendeu sua tese em 1917, continuando os estudos de Teologia e Direito Canônico e Exegese Bíblica; estudou Grego e Hebraico, estendendo sua formação com os estudos na Faculdade de Filosofia de São Bento, passando a dedicar-se também ao jornalismo como crítico e ensaísta. Possuindo uma formação acadêmica sólida, desde muito jovem lecionou português, latim e história em vários colégios da Capital e no ginásio do Estado, sendo o magistério a sua vocação primordial. Enveredou-se também pelos caminhos da literatura, publicando várias obras, como *Entardecer*. Sob o pseudônimo Frei Francisco da Simplicidade, publicaria também *Cartas esquecidas*, *O perfil de Dom Duarte Leopoldo e Silva*, *Cristo e as mulheres*, *Os que muito amaram* e *Lucrecia Borgia*, além de toda produção didática e acadêmica pela qual é amplamente reconhecido.

Na autobiografia intitulada *Na tormenta da vida, memórias de um batalhador*, Silveira Bueno relata como ocorreu seu primeiro contato com Lobato.

---

<sup>7</sup> Afirma Silveira Bueno, na coluna “Livros Novos”, da *Folha da Manhã* do dia 31 jan. 1927: “É urgente uma campanha contra os difamadores do Brasil e dos brasileiros. O chefe dessa escola desprezadora, depressora, aviltante de tudo quanto é nosso é Monteiro Lobato. Pergamolo-o como inimigo comum”.

Podemos observar o tom sarcástico e irônico do autor em relação a seu desafeto no seguinte excerto:

Monteiro Lobato: Este filho de Taubaté, cidade que sempre detestou, era verdadeiro **frasco de veneno concentrado**. Pequenininho de estatura, mais peludo que nem um turco, **porvejava ironia pungentíssima** embora envolta em sorrisos de menoscabo de todos e de tudo [...] Na rua 15 de Novembro, quase a sair da Praça Antônio Prado, havia o café “Guarani”, ponto predileto de Lobato e da sua pequena **corte**. Jornalistas e literatos, sob o pretexto de um cafezinho ou de uma “média” (pão, manteiga e café com leite), não deixavam de “esvoaçar” pelo ambiente, com o objetivo de se fazerem notados pelo “**Rei do Livro**”, pelo dono da “Gráfica Editora Monteiro Lobato”. Foi justamente nesse café “Guarani” que Amadeu Amaral, me apresentou o **monarca**. Ao saber que eu tinha saído do seminário, procurou escandalizar-me [...] (BUENO, 1996, p. 131, destaques em negrito feitos por nós).

No restante do episódio, Bueno relata a forma com que Lobato tentou constrangê-lo, com uma brincadeira jocosa não cabível à situação. É importante registrar que a autobiografia de Bueno foi escrita nos anos finais de sua vida, praticamente quatro décadas depois do falecimento de Lobato, e em nenhum momento desta narrativa foi possível encontrar relatos sobre uma possível relação cordial que possam ter nutrido. No entanto, pode-se mencionar um traço de possível sociabilidade entre eles, pois ambos são apontados como frequentadores da roda literária que ocorria na Drogaria Baruel, no centro de São Paulo (ARROYO, 1973; CAVALHEIRO, 1954; QUEIROZ, 1951, entre outros). Através de registros adicionais conseguimos inferir que, anteriormente à questão da tradução de Ford, eles mantiveram pelo menos laços profissionais. Por exemplo, na edição de setembro de 1924, Lobato, então editor da *Revista do Brasil*, publicara um artigo de Silveira Bueno intitulado “No Jardim das Lendas”; publicaria também, na edição de abril de 1925 da mesma revista, o artigo “Clássicos e cabotinos”, igualmente de Bueno. Ora, por mais constrangedor que tenha sido o primeiro contato entre os dois – segundo a versão de Bueno, este fato, à época, não parece lhe ter impedido de manter no mínimo uma relação diplomática com Lobato e ter, efetivamente, seus textos impressos por Monteiro Lobato, eventualmente auferindo vantagem financeira pela colaboração na *Revista*, como era a prática no jornalismo da época. A associação se manteve pelo menos em outras duas parcerias de trabalho. Em 31 de maio de 1925, *O Jornal*, do Rio de Janeiro, publicaria o anúncio da tradução da biografia de Henry Ford, onde destacava-se o dizer: “Única edição autorizada em português, exclusividade da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato” (O LIVRO, 1925). A nota não apresenta o nome do tradutor, mas pela data de publicação e sendo “única tradução”, somente poderia ser aquela feita por Silveira Bueno, era a que existia no Brasil até 1925. O anúncio figura acima da publicidade do livro de Paulo Setúbal, *A Marquesa de Santos*, “o maior triunfo literário do ano”, conforme o texto, lançado pela mesma editora de Lobato. Em setembro do mesmo ano, apareceria no periódico fluminense *Careta*, na coluna “Movimento de Livraria”, uma crítica ao livro de poemas de Silveira Bueno, editado pela Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato:

ENTARDECER – versos de Silveira Bueno. Editados por Monteiro Lobato & Cia., a conhecida empresa paulista, acabam de apparecer, em elegante plaquette, os primeiros poemas do sr. Silveira Bueno, novel poeta, cuja arte é modelada à feição parnasiana, em alexandrinos castigados e decasyllabos sonoros e fluentes. Conservador e sóbrio, o sr. Silveira Bueno não nos oferece em seu cantar quaesquer novidades revolucionárias, como pensamento ou

como expressão. E, si por isso mesmo, o livro algumas vezes parece monótono, não lhe pôde negar, por outro lado uma apreciável segurança de dizer e exprimir, e de onde em onde, algumas belezas de idéa e sentimento bastantes a comprovar que não se trata de uma estréa vulgar e corriqueira. Ecce homo! por exemplo, são versos de nobre elevação e excellenté factura (ENTARDECER, 1925).

Conforme podemos observar, Monteiro Lobato foi também o primeiro editor do jovem Silveira Bueno mas, aparentemente, a relação dos dois estremece quando Lobato lança a própria tradução da biografia de Henry Ford. A partir desse momento, as notas e críticas de Silveira Bueno mudam de tom e frequentemente chamam Lobato de plagiador ou imitador de obra alheia – destaque-se que Bueno sempre se refere a plágio ou imitação de obra alheia, não à sua. Não encontramos nenhuma publicação de Silveira Bueno em que ele tenha acusado textualmente Monteiro Lobato de plagiar a primeira tradução do livro de Ford, mas percebe-se o tom de indignação e de censura, além da insistente campanha de desmoralização. Ao tecer suas críticas na coluna “Livros Novos”, no dia 2 de novembro de 1926, sobre o livro recém-lançado de Yaynha Pereira Gomes, *Colcha de Retalhos*, Bueno diz:

leitora insaciável, não se contenta em lê-los para si; quer comunicar a outros a sua leitura, numa ansiedade aplaudível e inteligente [...] “Colcha de Retalhos”, encerra assim, vários perfis literários da nossa época, perfis em que trabalhou unicamente a intelligencia sympathica da autora [...] Desavenho-me, entretanto, a Monteiro Lobato: escriptor fallido, si deve alguma coisa, deve muito a Ruy Barbosa [...] Vale apenas pelos “Urupês e por algumas páginas de “Cidades Mortas”. Que valor literário se pode encontrar em “Onda verde”, “O macaco que se fez homem”, “Os narizinhos arrebitados” e tantos outros volumetes vulgares? Só um coração bondoso de mulher, é que por piedade poderá encontrar qualidade nessas páginas mortas. Que a piedade de D. Yaynha faça bem a Lobato sem piedade dos outros (BUENO, 1926).

Sua crítica ao livro *O choque das raças ou O presidente negro*, de Lobato, seria ainda mais rude:

Pobre autor do “Urupês”! Como é lastimavel a decadência intellectual de uma pessoa que já se admirou! Lobato é coisa morta, liquidada mentalmente e como tal, não deve mais apparecer em publico. Deve ficar na sombra do unico livro bom que escreveu e viver do passado, dirigindo a Editora Nacional com mais acerto do que fez com a Graphica Editora, afim de não fallir novamente. Mas por amor aos seus amigos, não escrever mais, sobretudo romances de aventura. [...] Lobato é um plagiario muito mais feroz do que Menotti del Picchia. [...] Monteiro copia, imita os outros e fecha-se de unha e dente. Lobato plagiou Wells, quem quizer certificar-se que os compare. Já não é a primeira vez que elle avança em território alheio: as suas fábulas são todas imitadas de outros autores; nos “Urupês” a maioria dos contos não lhe pertence. Coelho Netto que leia bem “Os Pharoleiros” e o resto de longe, e outros escriptores, inclusive Sylvio Floreal, que façam o mesmo. [...] Aconselho a Lobato um longo silêncio, um profundo exame de consciência, afim de nunca mais escrever nada ou, si o fizer que faça coisa que valha ao menos o papel de jornal em que for impresso (BUENO, 1927).

Em tais críticas percebemos a animosidade de Bueno em relação a Monteiro Lobato. Ele o critica ferozmente, faz acusações de plágio citando nominalmente outros escritores mas não menciona o suposto real motivo da dureza nos comentários. Bueno somente mencionaria o episódio, registrando de maneira que

pode permitir interpretações variadas, posteriormente, na autobiografia. Lobato em momento algum parece ter respondido a tais provocações, mas não encontramos nenhum comentário seu acerca das publicações citadas. A única referência a Silveira Bueno é a dedicatória na folha de rosto de *Mr. Slang e o Brasil* que citamos acima, em que Lobato mantém o tom irônico. O que podemos afirmar através dos registros disponíveis é que *Minha vida e minha obra* foi publicada por ambos os tradutores em um período igual ou inferior a um ano. A tradução de Silveira Bueno foi publicada pela Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, no ano de 1925 (Fig. 1), e a tradução de Monteiro Lobato seria publicada pela Companhia Editora Nacional em 1926 (Fig. 2 – imagens do acervo da autora):

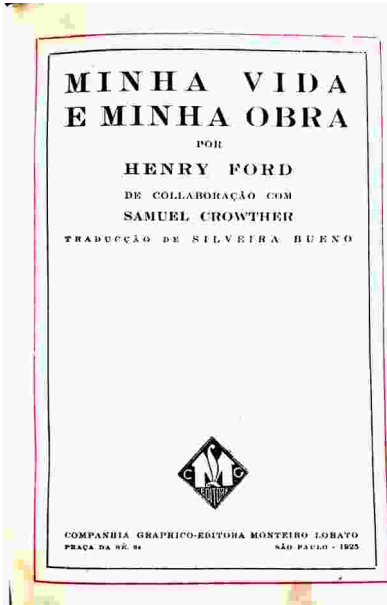


Figura 1 – Silveira Bueno, 1925.



Figura 2 – Monteiro Lobato, 1926.

A publicação da mesma obra – como se apresentam: em duas traduções distintas, em espaço de tempo tão curto, suscita questões as mais diversas. Que motivos teriam levado Monteiro Lobato a reeditar *Minha vida e minha obra*? De que forma se apresentou a tradução de Lobato em relação à tradução de Bueno? Há motivos para considerar que Lobato não aprovasse essa tradução? Mas ele mesmo a publicara no ano anterior. Podemos pensar em questões financeiras em razão da falência da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, assim como considerarmos que a admiração de Lobato por Ford, motivou-o a editar a obra pela nova companhia. Nesse sentido, Lobato também traduziria *Hoje e amanhã* (1927), e editaria *Minha Filosofia da Indústria* (1929), ambos de autoria de Henry Ford. Antes destes, em 1926, compilaria uma série de artigos que escreveu para *O Jornal* em um livreto chamado *How Henry Ford is regarded in Brazil*,

traduzido para inglês por Aubrey Stuart. Mas as questões permanecem, elas poderão ser esclarecidas complementando-se as pesquisas em relação à tradução de *Minha vida e minha obra* e analisando as demais traduções das obras de Henry Ford. O cotejo das traduções de Bueno e Lobato, estudo já em andamento, pode elucidar a questão. O que é possível afirmar até o momento é que Francisco da Silveira Bueno é o primeiro tradutor de Henry Ford no Brasil, fato que deve ser reconhecido e resgatado através dos estudos da historiografia das traduções brasileiras.